

PHILIPP SENDKER

A ARTE DE SABER OUVIR
O BATER DO CORAÇÃO

Tradução de
Rita Carvalho e Guerra

alma
dos
livros

*Para Anna, Florentine e Jonathan
E em memória de Vivian Wong (1969-2000)*

**PRIMEIRA
PARTE**

Capítulo Um

Aquilo em que primeiro reparei foi nos olhos do velho. Repousavam profundamente nas órbitas, e ele parecia incapaz de os afastar de mim. É verdade que, na casa de chá, todos me fitavam mais ou menos descaradamente, mas ele era o mais arrojado. Como se eu fosse uma criatura exótica que ele nunca vira.

Enquanto o tentava ignorar, olhei em redor da casa de chá, um simples barracão de madeira com algumas mesas e cadeiras sobre um piso de terra seca e poeirenta. Encostado à parede mais distante, um expositor de vidro exibia os bolos e bolinhos de arroz sobre os quais dezenas de moscas se haviam instalado. Ao seu lado, num bico de gás, a água para o chá fervia numa chaleira ferrugenta. A um canto, havia latas de refrigerante cor de laranja empilhadas em caixas de madeira. Nunca estivera em tão miserável casebre. O calor era abrasador. O suor escorria-me pelas fontes e pelo pescoço. As calças de ganga colavam-se à minha pele. Estava sentada, a tentar situar-me, quando, de repente, o velho se ergueu e veio ter comigo.

– Mil perdões, minha jovem, por a abordar de forma tão direta – disse ele, sentando-se à minha mesa. – É muito indelicado da minha parte, bem sei, em especial porque não nos conhecemos ou, pelo menos, porque não me conhece, nem mesmo de vista. Chamo-me U Ba, e já ouvi muito sobre si, embora deva admitir que esse facto em nada desculpa o arrojado do meu comportamento. Suponho que considere embaraçoso ser assim abordada por um homem desconhecido, numa casa de chá de uma cidade estranha, num país estrangeiro. Sou extremamente sensível à sua situação, mas não

só desejo, como também, sendo sincero, preciso de lhe fazer uma pergunta. Esperei tanto tempo por esta oportunidade, que não posso ficar aqui a observá-la, em silêncio, agora que aqui está.

»Esperei quatro anos, para ser mais exato, e passei muitas tardes a andar para trás e para a frente na poeirenta rua principal, onde a camioneta larga os poucos turistas que deambulam até à nossa cidade. Ocasionalmente, nos raros dias em que um avião chegava da capital, e sempre que me era possível, dirigia-me ao nosso pequeno aeroporto, para aguardar futilmente a sua chegada.

»Demorou muito.

»Não que pretenda censurá-la. Por favor, não me compreenda mal. Mas estou velho e não sei quantos anos ainda me restam. As pessoas do nosso país envelhecem depressa e morrem jovens. O final da minha vida deve estar próximo, e ainda tenho uma história para contar, uma história que lhe é dirigida.

»Sorri. Acha que perdi o juízo, que estou um pouco louco, ou que sou, no mínimo, muito excêntrico? Tem todo o direito. Mas, por favor, por favor não me vire as costas. Não deixe que a minha aparência a induza em erro.

»Vejo nos seus olhos que ponho à prova a sua paciência. Por favor, faça-me a vontade. Não tem ninguém à sua espera, correto? Veio sozinha, tal como eu esperava que viesse. Conceda-me apenas alguns minutos do seu tempo. Sente-se aqui comigo, só um pouco mais, Julia.

»Está espantada? Os seus encantadores olhos castanhos tornaram-se ainda maiores, e pela primeira vez olha verdadeiramente para mim. Deve estar abalada. Deve estar a perguntar-se como poderei eu saber o seu nome se nunca antes fomos apresentados, e se esta é a sua primeira visita ao nosso país. Pergunta-se se terei visto uma etiqueta algures no seu casaco ou na pequena mochila que a acompanha. A resposta é não. Sei o seu nome, tal como sei o dia e a hora do seu nascimento. Sei tudo sobre a pequena Jule, que o que mais amava neste mundo era ouvir o pai a contar-lhe uma história. Até lhe posso dizer qual a sua preferida, agora mesmo: *A História do Príncipe, da Princesa e do Crocodilo*.

»Julia Win. Nascida a 28 de agosto de 1968, na cidade de Nova Iorque. Mãe americana. Pai birmanês. O nome da sua família é parte

da minha história, tem sido parte da minha vida desde o dia em que nasci. Nos últimos quatro anos, não houve um dia em que não pensasse em si. Explicarei tudo, a seu tempo, mas, primeiro, permita que lhe faça uma pergunta: Acredita no amor?

»Ri. Como é bela. Estou a falar a sério. Acredita no amor, Julia?

»Claro que não me refiro às explosões de paixão que nos levam a dizer coisas de que nos arrependemos mais tarde, que nos iludem, levando-nos a pensar que não podemos viver sem determinada pessoa, que nos deixam trémulos de ansiedade perante a mera possibilidade de alguma vez perdermos essa pessoa, uma sensação que nos empobrece mais do que enriquece porque ansiamos por possuir o que não podemos ter, agarrar-nos ao que não podemos.

»Não. Falo de um amor que traz visão aos cegos. De um amor mais forte do que o medo. De um amor que dá significado à vida, que desafia as leis naturais da deterioração, que nos leva a florescer, que não conhece fronteiras. Falo de um triunfo do espírito humano sobre o egoísmo e a morte.

»Abana a cabeça. Não acredita em nada disto. Não sabe do que falo. Não me surpreende. Mas espere. Irá compreender a que me refiro quando lhe contar a história que, durante estes últimos quatro anos, tenho transportado no meu coração para si. Peço-lhe apenas um pouco de paciência. A hora é tardia e está, decerto, cansada da sua longa viagem. Se quiser, podemos encontrar-nos de novo amanhã, à mesma hora, nesta mesa, nesta casa de chá. Foi aqui que conheci o seu pai, já agora, e, na verdade, ele esteve sentado aí mesmo onde se senta e contou-me a sua história, enquanto eu me sentava exatamente onde estou agora, espantado, devo admiti-lo, incrédulo, até mesmo confuso. Nunca antes tinha ouvido alguém contar uma história assim. Será que as palavras podem ganhar asas? Poderão elas deslizar como borboletas pelo ar? Poderão apoderar-se de nós, levar-nos para outro mundo? Poderão abrir as derradeiras câmaras secretas das nossas almas? Não sei se as palavras poderão, por si só, alcançar estas coisas, mas, Julia, o seu pai assumiu uma voz nesse dia, como uma pessoa só ouve uma vez na vida.

»Embora a voz fosse baixa, não havia pessoa nesta casa de chá que não se comovesse até às lágrimas apenas com a sua sonoridade. As suas frases depressa assumiram a forma de uma história, e dessa

história emergiu uma vida, revelando o seu poder e a sua magia. As coisas que ouvi nesse dia fizeram de mim um crente tão firme quanto o seu pai.

» “Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força verdadeira em que acredito.” Foram estas as palavras do seu pai.

U Ba levantou-se. Uniu as palmas das mãos à frente do peito, curvou-se ligeiramente, e deixou a casa de chá com alguns passos rápidos e leves.

Observei-o até ter desaparecido no bulício da rua.

Não, queria gritar-lhe. Se acredito no amor? Que pergunta! Como se o amor fosse uma religião em que se pudesse ou não acreditar. Não, queria dizer ao velho, não existe força mais poderosa do que o medo. Não existe triunfo sobre a morte. Não.

Fiquei sentada encurvada e esparramada no meu banco baixo, sentindo que ainda conseguia ouvir a sua voz. Era tranquila e melódica, não muito diferente da do meu pai.

Sente-se aqui comigo só mais um pouco, Julia, Julia, Julia...

Acredite no amor, no amor...

As palavras do seu pai, do seu pai...

Doía-me a cabeça; estava exausta. Como se tivesse despertado de um pesadelo implacável e insone. As moscas zumbiam à minha volta, aterrando no meu cabelo, na minha testa, nas minhas mãos. Não tinha forças para as enxotar. À minha frente estavam três bolos secos. A mesa estava manchada de açúcar mascavado pegajoso.

Tentei beber um pouco do meu chá. Estava frio e a minha mão tremia. Porque teria eu ouvido aquele estranho durante tanto tempo? Podia ter-lhe pedido que parasse. Podia ter partido. Mas algo me refreara. Precisamente quando estava prestes a virar costas, ele dissera: Julia, Julia Win. Jamais poderia ter imaginado que o som do meu nome completo me pudesse perturbar tanto. Como é que ele o sabia? Conheceria mesmo o meu pai? Quando é que o vira pela última vez? Poderia ele saber se o meu pai ainda estava vivo, e onde poderia estar escondido?

Capítulo Dois

O empregado não queria o meu dinheiro. – Os amigos de U Ba são nossos convidados – disse, com uma vénia. Ainda assim retirei uma nota de *kyat* do bolso das calças. Estava gasta e imunda. Enojada, prendi-a debaixo do prato. O empregado levantou a mesa, mas ignorou o dinheiro. Apontei para ele. O homem sorriu.

Seria muito pouco? Muito sujo? Pousei uma nota maior, mais limpa, sobre a mesa. Ele fez uma vénia, voltou a sorrir e também deixou ficar essa, intocada.

Lá fora estava ainda mais quente. O calor paralisou-me. Fiquei imóvel em frente da casa de chá, incapaz de dar um único passo. O sol queimava-me a pele, e a luz deslumbrante picou-me nos olhos. Coloquei o meu boné de basebol e puxei-o sobre o rosto.

A rua estava repleta de pessoas, no entanto parecia estranhamente silenciosa. Quase não havia veículos motorizados dignos de nota. As pessoas andavam a pé ou de bicicleta. Parados num cruzamento estavam três carruagens puxadas a cavalo e um carro de bois. Os poucos carros nas ruas eram velhas *pickups* japonesas, amolgadas e ferrugentas, carregadas de cestos de vime e sacas, às quais jovens adultos se agarravam como se a vida disso dependesse.

A rua estava ladeada de lojas de madeira baixas, de um só piso, com telhados de chapa ondulada, onde os vendedores ofereciam de tudo, de arroz, amendoins, farinha e champô a *coca-cola* e cerveja. Não havia ordem, pelo menos uma que eu conseguisse discernir.

Parecia haver uma sala de chá casa sim, casa não, com clientes sentados à porta em minúsculos bancos de madeira. As suas cabeças estavam envoltas em panos vermelhos e verdes. Em vez de calças, os homens usavam o que pareciam ser saias cruzadas.

À minha frente, um grupo de mulheres espalhara uma pasta amarela nas bochechas, testas e narizes e fumava longas cigarrilhas verde-escuras. Eram todas magras, sem parecerem escanzeladas, e moviam-se com a mesma elegância e leveza que sempre admirara no meu pai.

E a maneira como me fitavam, os seus olhos fixos no meu rosto e nos meus olhos, e a sorrir. Não conseguia dar sentido àqueles sorrisos. Como uma gargalhada pode parecer ameaçadora.

Outros saudavam-me com um aceno. Será que me conheciam? Estariam todos eles, como U Ba, a aguardar a minha chegada? Tentei não olhar para eles. Percorri a rua principal tão depressa quanto possível, com os meus olhos fixos num qualquer ponto imaginário, ao longe.

Tinha saudades de Nova Iorque, do bulício e do trânsito. Dos rostos inacessíveis dos peões que não se interessavam por ninguém. Queria regressar para onde sabia como me movimentar e como me comportar.

A estrada bifurcava-se depois de uns cem metros. Tinha-me esquecido de onde ficava o hotel. Tudo o que eu conseguia ver eram as buganvílias gigantes, mais altas do que os casebres que escondiam. Os campos ressequidos, os passeios poeirentos, os buracos na estrada suficientemente grandes para engolirem bolas de basquetebol. Para onde quer que olhasse, tudo parecia estranho e sinistro.

– Menina Win, menina Win – alguém chamou.

Quase sem me atrever a virar, olhei de relance por cima do ombro. Estava ali um jovem que me recordava o paquete do hotel. Ou o bagageiro do aeroporto em Rangum, ou o taxista. Ou talvez o empregado da casa de chá.

– Está à procura de alguma coisa, menina Win? Posso ajudá-la?

– Não, obrigada – comecei, pois não queria depender deste estranho. – Sim... o meu hotel – disse, desejando, mais do que tudo, encontrar um local onde me esconder, nem que fosse o quarto de hotel no qual tinha dado entrada nessa manhã.

– Monte acima, aqui, pela direita. Nem são cinco minutos – explicou.

- Obrigada.
- Espero que aprecie a sua estadia na nossa cidade. Bem-vinda a Kalaw – disse, e ali se deixou ficar, a sorrir, enquanto eu dava meia-volta.

No hotel avancei silenciosa e rapidamente para lá do rececionista sorridente, subi a enorme escadaria de madeira até ao segundo andar, e afundei-me na cama.

A viagem de Nova Iorque a Rangum demorara mais de vinte e duas horas. Depois, passara uma noite inteira e metade do dia seguinte num autocarro velho e apinhado, com pessoas que fediam, pessoas que envergavam saias imundas, *t-shirts* no fio e sandálias de plástico em mau estado. Com galinhas e leitões a grunhir. Uma viagem de vinte horas por estradas que pouco se pareciam com ruas. A meu ver, nada mais do que leitos de rio secos. Tudo só para ir da capital àquela pequena e remota aldeia nas montanhas.

Devo ter adormecido. O Sol desaparecera; a noite caíra. Uma semiobscuridade enchia o quarto. A minha mala repousava, por abrir, na outra cama. Olhei à minha volta, os meus olhos a saltar para trás e para a frente, como se precisasse de recordar a mim mesma onde estava. Uma velha ventoinha de madeira pendia do teto por cima de mim. O quarto era grande, e o mobiliário espartano concedia-lhe um ar monástico. Ao lado da porta um simples armário, junto à janela uma mesa e uma cadeira, entre as camas uma pequena mesinha de cabeceira. As paredes, caiadas, não tinham adornos, não havia fotografias ou espelhos. As velhas tábuas do chão estavam desgastadas. O único luxo era um minúsculo frigorífico coreano. Não funcionava. O ar fresco do fim do dia deslizava pelas janelas abertas.

Sob a luz do crepúsculo, passadas algumas horas, o meu encontro com aquele velho parecia ainda mais absurdo e misterioso do que sob a luz do dia. A memória tornara-se turva e indistinta. Imagens espectrais deslizavam pela minha mente, imagens que não conseguia interpretar, imagens que não faziam sentido. Tentei recordar-me. Ele usava uma camisa branca, amarelada pelos anos, um *logyi* verde e chinelos de borracha. Tinha cabelo branco, espesso e cortado rente. O rosto estava marcado pelas rugas. Não consegui calcular a sua idade. Sessenta, talvez setenta anos. Nos seus lábios, mais um

daqueles sorrisos cujo significado não conseguia compreender. Seria desdenhoso, trocista? Empático? O que queria ele de mim?

Dinheiro. O que mais? Ele não mo pedira, mas os comentários sobre os dentes e a camisa tinham sido suficientemente claros. Eu sabia o que pretendia. Podia ter tomado conhecimento do meu nome através do hotel. O mais provável era que estivesse a agir em conluio com a receção. Um vigarista que queria despertar a minha curiosidade, para causar impressão antes de oferecer os seus serviços de vidente. Não, não: de astrólogo. Eu não ia cair. Ele estava a perder o seu tempo.

Teria ele dito alguma coisa que sugerisse que tinha, de facto, conhecido o meu pai? Supostamente, o meu pai dissera-lhe: «Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força verdadeira em que acredito». O meu pai jamais teria pensado tal coisa, muito menos a teria dito em voz alta. E ainda menos a um estranho. Ou estaria eu a enganar-me? Não seria, com maior probabilidade, uma suposição ridícula da minha parte imaginar que compreendia os pensamentos ou sentimentos do meu pai? Conheçê-lo-ia assim tão bem? Teria o pai que eu pensava conhecer desaparecido, assim, sem deixar sequer um bilhete? Teria ele abandonado a sua esposa, o seu filho e a sua filha sem uma explicação, sem nunca dar notícias?

De acordo com a polícia, o seu rasto desaparecia em Bangkok. É possível que tenha sido assaltado e assassinado na Tailândia.

Ou teria sido vítima de um acidente no golfo de Sião? Estaria ele à espera de gozar duas semanas de paz e sossego, para variar? Talvez tenha ido até à costa e se tenha afogado ao nadar. Essa é a versão da nossa família, a oficial, pelo menos.

A brigada de homicídios desconfiava de que pudesse levar uma vida dupla. Recusaram-se a aceitar a versão da minha mãe de que nada sabia sobre os seus primeiros vinte anos de vida. Consideravam uma tal possibilidade tão absurda, que, inicialmente, pensaram que poderia ter desempenhado algum papel no seu desaparecimento, fosse como cúmplice ou perpetradora. Só quando se tornou claro que não havia um seguro de vida chorudo, que ninguém retiraria qualquer vantagem financeira da sua suposta morte, é que afastaram qualquer suspeita dela. Podia muito bem existir um qualquer outro lado do meu pai à espreita por trás do mistério desses primeiros e longos vinte anos, um lado que nós, enquanto família, nunca tínhamos visto.